

Ele se foi, em corte seco.

A dor é grande. Saudades que não mais serão sanadas. Curiosidade sobre o seu cinema. Trocas interrompidas e outras apenas sonhadas. Tanta coisa pra compartilhar, viver junto. Vontade de que seja apenas um pesadelo, uma piada de primeiro de abril, mas é 28 de março, infelizmente e Ricardo morreu.

Difícil de acreditar. Uma pessoa capaz de romper as barreiras geracionais e dialogar com uma juventude sedenta de experimentações. Plantou sementes e marcou uma geração. A nossa. Nos apresentou Peleshian, João Cesar Monteiro, Derek Jarman, o perspectivismo e muitas outras maravilhas estranhas. Nos instigou ao inesperado. Inventar. Pensar e repensar. Estudar e dissecar o cinema. Buscar sempre a transgressão. Expandiu nossos horizontes forçando o nosso pensamento a alçar vôos mais altos.

O Ricardo via nas gerações mais novas o desconforto necessário para criar. Não estava interessado nos conformados e nos amargurados. Percebeu que as novas tecnologias digitais poderiam ser usadas a favor dessa "produção de guerrilha". Morreu com uma câmera na mão lutando contra o cinema comercial. Radical e singular, se guiava pelo afeto. E nos afetou tão profundamente que a semente do seu cinema vive em nós.

Como disse o Eduardo Valente, “obrigado por nos trazer até aqui”.